



NAUFRÁGIO

DO

ROUMANIA



GRONHO, 1892

ECONOMIA E ESCRAVATURA

• Até à década de 1850 e mesmo depois, a economia colonial portuguesa assentava na escravatura. A Guiné abastecia Cabo Verde, Angola abastecia S. Tomé, e todas elas abasteciam o Brasil. Moçambique exportava mão-de-obra para o Transvaal e até Macau entrava pinguis lucros dos carregamentos de escravos chineses para a América e a Austrália. Com poucas exceções, as esatísticas de todas as outras exportações coloniais testemunham um quadro muito rudimentar de desenvolvimento agrícola, sem falar já de indústria, praticamente inexistente. Este facto explica porque motivo o gradual declínio do tráfico escravagista, até à sua extinção final, prejudicou o desenvolvimento de todo o Ultramar português e após o problema de reestruturar as respectivas economias.

O Fontismo e, de certa forma, já o Cabralismo antes dele, tentaram nas províncias Ultramarinas, enquanto de forma muito mais moderada, o que procuraram realizar na Metrópole, isto é, o desenvolvimento das infra-estruturas como meio de fomento da comércio e da agricultura. Esta política foi efectivada quase sem interrupções até à revolução de 1910 e, depois, continuada pelos governos republicanos. Só nos fins da década de 1860 e começos da de 70 é que as necessidades ou as preocupações de economias fizeram afrouxar os investimentos públicos nas colónias. De qualquer maneira, o aumento das despesas com o Ultramar esteve sempre condicionado pela situação financeira da Metrópole.

AGRICULTURA

Do ponto de vista agrícola, a grande monta do Ultramar português foi, durante muito tempo, a colónia de S. Tomé e Príncipe. Económica-mente decadente até aos anos de 1860, rapidamente depois se elevou no conjunto das colónias portuguêses, com receitas públicas mais que triplicando entre 1863 e 1867, duplicando a seguir

entre esta última data e 1902, tornando a dobrar até 1875, de novo até 1905 e quase novamente até 1910. No que respeita a exportações, a riqueza de S. Tomé e Príncipe passou de uns terços 13 contos (1841) a mais de 3.000 contos (1910), com uma balança comercial francamente positiva. Nos começos do séc. XX, as duas ilhas eram consideradas colônia-mádico do ponto de vista económico e orgulhosamente exhibidas em todo o mundo como prova evidente da capacidade colonizadora dos portugueses. As razões deste "miragre" económico assentavam bem administradas nações de café e cacau, treinadas por uma mão-de-obra barata e servidas por um sistema muito eficiente de relações comerciais. O café - introduzido do Brasil em 1800 - tornara a ilha próspera até 1890, substituindo a cana-de-açucar como a produção mais importante da colônia. A partir de então, o cacau veio substituir, quase por completo, o café, com 95% das exportações totais das duas ilhas (1910). A data da proclamação da República, o pequeno arquipélago encontrava-se entre os 3 maiores produtores mundiais de cacau.

Nas outras colônias, a agricultura estava longe de reconhecer sucesso paralelo. Em Angola, por exemplo, e mau-grado todos os esforços feitos até começos do século, a borracha de longe a exportação mais rendiosa, não ia além de cerca de um terço a metade do valor do cacau de S. Tomé. A agricultura Moçambicana, embora conhecendo um certo marçado desde a década de 1870, também não podia competir com a de S. Tomé. Técnicas agrícolas primitivas, escassez de materiais e rotina impediam todo e qualquer melhoramento.

Os velhos prazos de Moçambique, em total decadência a maior parte do século de Oitocentos, como que renasceram durante a década de 1890 tornando-se produtivos para o Estado e para a colônia. Regulamentos promulgados em 1890 tentaram minorar a exploração de mão-de-obra africana pelos senhores dos prazos e promover um aproveitamento mais eficaz da terra.

... / ...

POLÍTICA INTERNACIONAL

Pelo traçado com a Alemanha, a fronteira marítima de Angola foi fixada no Rio Cunene e a de Moçambique no curso do Rio Rovuma. Ambas estas linhas de fronteira sacrificaram os interesses e as pretensões tradicionais de Portugal - nomeadamente a costa angolana - ao caso Frio - a um apoio alemão de Bismarck à política do mapa con-de-ro-sa. (ver Pg. 27)

Durante 1893-1895, Portugal tornou clara que projectava começar sem demora a ocupação das áreas em litígio. Foram planeadas diversas expedições, encarregando-se o major Seixas Pinto de percorrer e estudar o território onde se viria a construir um caminho-de-ferro ligando o Lago Niassa à costa oriental. Mas não tardaram a registar-se várias escaramuças com as tribos dos Macololos que alegavam obediência à bandeira inglesa. Estes e outros acidentes levantaram na imprensa britânica uma agressiva campanha contra Portugal. Dizia-se de passagem que o governo Inglês sempre rejeitara a doutrina do "Mapa Con-de-ro-sa", prevenindo o governo português das possíveis consequências práticas. A política germanófila de Barros Gomes, todavia

(lúdida com o teórico apoio alemão às pretensões portuguesas, prosseguia na sua rota imprudente. Entre os dois aliados, as relações deterioraram-se com rapidez, em II de Janeiro de 1890 o governador conservador de Lord Salisbury enviava um ultimato a Portugal, exigindo-lhe a retirada imediata de todas as forças portuguesas na região do Chire e das terras quer dos macololos quer dos Nachonas. A alternativa era uma quebra de relações diplomáticas, comprovável recurso à força.



BARROS GOMES

Face à ameaça de guerra o governo progressista submeteu-se e mandou evacuar os territórios em questão dentro do prazo estabelecido pelo ultimato. Durante os meses que se seguiram, Portugal tentou conseguir da Inglaterra o recurso a qualquer forma de conferência ou arbitragem internacional que decidisse da questão, mas sem resultado, nem a Alemanha nem a França mostraram qualquer desejo de intervir, e que obriga o governo português a aceitar todas as exigências britânicas. Através do país, e sobretudo em Lisboa, a opinião pública só contribuiu para piorar a situação, com os seus clamores histéricos e contra a Inglaterra e com as pressões exercidas sobre a ação dos governos. Na Grã-Bretanha, também os sentimentos anti-português atingiram um limite perigoso para a manutenção das relações entre os dois estados. E incidentes locais em Moçambique vieram ainda envenenar mais todo o ambiente.

Um primeiro tratado assinado entre os dois países em 1890, foi rejeitado pela Câmara e pela opinião pública em geral. O governo regenerador de Antônio de Serpa, que sucedera ao progressista, pediu a demissão, e o novo ministro dos Extranjeros, Barbosa du Bocage, conseguiu negociar um modus-vivendi de seis meses, que confirmava a ocupação britânica dos territórios pretendidos por Portugal. Só em junho de 1891 foi possível ratificar um segundo tratado com a Grã-Bretanha: ligeiramente menos favorável para os interesses portugueses do que o rejeitado (o qual ainda nos concedia uma faixa de território ligando Angola ao Moçambique), reconhecia não obstante, a Portugal, territórios onde os portugueses jamais haviam posto o pé. Em Maio, outro tratado, desta vez com o "Estado Livre do Congo", presentava Portugal com uma vasta área em Angola, a oriente do rio Cuango (actual Luanda). Paradoxalmente, ao substituir um território vago, falho de ocupação e de fundamentos meramente históricos, por duas possessões bem definidas com 800 000 de Km² ao todo, os tratados de 1891 dotaram Portugal com nova império - o terceiro da sua história-, quase tão grande como o Brasil na superfície máxima de

30

a efectiva ocupação portuguesa. E, ainda por cima, concediam-nos numa época em que o número de colonos e de soldados portugueses em Angola e Moçambique não atingiu os 20.000 pessoas. No Brasil, em vésperas da Independência, viviam cerca de 9000 000 brancos e mais de um milhão de mestiços europeizados."

NOTA: O resumo histórico que apresentei da pág. 23 à pág. 30 foi extraído da HISTÓRIA DE PORTUGAL DE A. H. DE OLIVEIRA MARQUES III Vol. Págs.: 184; 185; 189; 191; 207; 208; 209 e 210.

21
2023

O

NAUFRÁGIO

CONTACTOS



1 A CAPITANIA DE PENICHE

" Na capitania de Peniche, fui recebida pelo responsável pelos naufragios.

Apresentei-me. Deve-lhe a conhecer o que pretendia: Informações sobre o Naufrágio do Vapor Inglês Roumania.

A resposta foi seca e imediata:

- Nessa altura ainda não existiam capitaneias. Procure no arquivo histórico da zona do Ministro. Mas, aconselha-a afim se metet nisso.

Sai desiludida - viagem em vão - pensei.

2- RESPONSÁVEL PELO ARQUIVO HISTÓRICO DA C. M. P.

Quando saí da capitania de Peniche, verifiquei que praticamente em frente, ficava a C. M. de P.

Entrei, perguntei onde se situava a sala de arquivos. Indicaram-me. Bati à porta. Entrei e encontrei o responsável por aquela secção.

Comecei por me apresentar, e dizer porque estava ali.. De inicio des. não foi muito receptível, contudo quando lhe falei num cemitério da Serra do Bouro, ele ficou muito interessado, e foi só quando lhe emprestei o rascunho com as inscrições das campas, para ele fotocopiar, é que me permitiu o acesso ao dossier de arquivo da C. relativo a naufragios. A única coisa que constava sobre o Roumania , era uma cópia da folha do livro de registos de naufragios da Capitania.(Pn6-S8)

Quando falei ao Sr. que já tinha ido à capitania, e que não havia conseguido nada, o Sr. informou-me que era normal. Ele mesmo só tinha acesso aquela folha por pertencer aos arquivos da Câmara. E, mesmo assim não permitiram que fotocopiesse.. De facto era mentira o que o Sr. da capitania me tinha dito. As capitaneias já existiam na altura do naufrágio, pois festejam 100 anos em 1986 e o acidente foi ^{1/2} a 95:

.../...

5- DR. SUSANA HATA; RESPONSÁVEL PELO NÚCLEO DE PESQUISA SUBAQUÁTICA

Soube que este núcleo do museu andava interessado em constituir uma carta arqueológica da zona, estava por isso a recolher entre outras coisas, documentos relativos a naufrágios.

Encontrei no local onde trabalhava a Dra. Susana. Foi muito simpática. Através dela, consegui a ficha (fotocópia) existente no museu de Peniche referente ao naufrágio.

Foi também através dela que contactei o Dr. Teló Parreira Cruz. Assim como uma explicação pessoal dela (dra. Idrá). I sobre a causa de tanto sigilo no que respeita a este caso:

Ao que constou em reuniões de pesquisa subaquática, o "BRITISH BARC CLUB" andava interessado na prospecção do barco, porque no documento de manifesto de carga que a Roumania deixou no porto de Belfast antes de partir, constavam tecidos, máquinas de caminhe de ferro e 15 mil libras em ouro, que vinham no cofre do barco e até hoje não consta que se tivessem encontrado. Daí o interesse do clube Inglês!

4- DR. TELÓ PARREIRA CRUZ

Este sr. já de idade, era o gerente da firma "António Parreira Cruz", a que fez em 1953/57 a exploração do barco.

Segundo ele, recuperaram essencialmente muitos tecidos, que foram enviados para Inglaterra, onde a firma que os havia produzido os aproveitou para publicidade, visto estarem em bom estado de conservação.

Este sr. ficou de me enviar no prazo de um mês, todos os documentos relativos a este assunto.

Como até à data ainda nada recebi, optei por entregar o trabalho sem elas.

5- ARQUIVO HISTÓRICO DA C. M. C. R.

Como no arquivo da C. M. P. encontrei dados sobre o naufrágio pensei que na C. M. C. R., no mínimo encontrava documentos sobre o cemitério da Serra do Bouro.

Depois de uma manhã à espera do responsável pelos arquivos desisti. Pareceu-me adivinhar na cara dos funcionários que não conseguia nada. Voltei à tarde, desta vez para falar directamente com o Sr. Presidente da Câmara. A resposta deste ao meu problema foi:

- Só levando uma máscara para o pô! Além disso os arquivos estão a segurar o telhado.

Quanto a isto não faço comentários. Felizmente que o sr. Presidente me apresentou o historiador João Serra.

6- HISTORIADOR JOÃO SERRA

Foi através deste sr. que tive conhecimento do problema da Câmara, relativo ao cemitério da Serra do Bouro. De facto o cemitério cristão, existente ao lado, está super lotado. A Câmara está a fazer esforços no sentido de poder deitar abaixo o muro que separa os dois cemitérios. Contudo, visto não existirem nenhuns documentos relativos ao cemitério, a Câmara não sabe a quem se dirigir.



V
Que
Dizem
os
jornais



JORNAL

Diário
de
Notícias

estava em micro-filme pelo que não tenho fotocópias

28/10/1892

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Domingo 30/10/1892

3+

HORROROSO NAUFRÁGIO

A perda do vapor Roumania no Baleal próximo da Foz do Arelho - circunstâncias de sinistro - 122 pessoas mortas - salvas apenas 9 - os naufragos - os salvados - dificuldades da fiscalização aduaneira.

A cerca da perda do Vapor Inglês Roumania de que demos já ontem resumida notícia, recebemos de alguns dos nossos dedicados correspondentes as informações que vão em seguida:

Peniche, 29, às 5h - A perda do vapor é total. Trazia este navio 156 passageiros e 76 tripulantes. Foram apenas salvos o capitão Hamilton e o tenente Roome, de um regimento do exército da Índia e 7 índios que pertenciam à tripulação. Os demais em nº de 122 pareceram horrivelmente.

Famílias inteiras se foram para a voragem do oceano! o capitão Hamilton perdeu a mulher e a filha.

No hospital de Peniche estão os naufragos bem tratados.

O carregamento do vapor compunha-se fazendas, vinhos e outras diversas mercadorias de importante valor.

O naufrágio ocorreu em local ermo, distante de Peniche uns 20 km, a leste do Baleal, segundo ouvi um naufrago, o sinistro deu-se por engano de rumo, e por causa da serração e do temporal.

Estão chegando carros com fardos e fazendas. Também chegou aqui o agente da casa Norton.

O vapor Roumania vinha de Liverpool com destino a Bombaim - do nosso correspondente.

Leiria 29, às 5h e 10 da tarde - O naufrágio do Vapor Inglês Roumania - Na Foz do Arelho junto à Lagoa de Óbidos foi horroroso!

O Sr. Governador civil recebeu comunicação oficial de terem morrido 122 pessoas.

A força de caçadores 6 que estava nas Caldas Da Rainha por causa das eleições marchou toda para coadjuvar os empregados de alfândega

.../...

e guardar os salvados, que são importantes e vão dando à costa.

Têm sido feitos roubos.

A força militar tem capturado os criminosos obstante à continuação destes actos de selvageria - do nosso correspondente-

Caldas 29, às 7h e 25 da noite - Hoje apareceram mais três cadáveres de naufragos. Morreram dois homens na Foz, vítimas da ambição de roubar os salvados. A fiscalização aduaneira é impossível pelo diminuto pessoal.-Do nosso correspondente-

Peniche 29 às 8h e 53 da manhã- O sinistro foi às 11h da noite de anteontem no sítio chamado do Gronho entre Peniche e a Foz do Arelho. O gronho é deserto e tem baixos e recifes. O navio despedaçou-se ali pela violência do temporal.

Os naufragos apareceram no areal nus, contuses e feridos extenuados da luta de algumas horas. O naufrágio soube-se em Peniche no dia seguinte, às 11h da manhã e causou profunda sensação.

Nenhum dos feridos está em situação grave.

Dizem que a bordo do Roumania iam 35 mulheres e 10 crianças.

Os naufragos do navio e alguns fardos tem sido lançados à praia pelas vagas, em grande extenção entre Óbidos e S. Martinho.

29 feira 31/10/1892

... Tudo ia bem até às 1h da noite de 28.

Quando o vapor encalhou (segundo informações que recolhi de dois passageiros) sucedeu o seguinte:

Depois do vapor encalhar veio um oficial, disselhes:

- Deixem-se ficar na câmara porque não há razão para ter medo!

JORNAL

O DISTRITO DE LIMA

Sexta, 3.11.1892

Noite de 5 para 6

1h da madrugada

NOTICIARIO

Naufrágio do Roumania

Mais circunstancialmente podemos hoje dar promontes aos nossos leitores sobre o horrível naufrágio sucedido na noite de 27 para 28 de outubro, um dos mais notáveis que se tem dado na nossa costa.

Ara causa do naufrágio é certamente espessa da nevoeiro que havia 3 dias não deixava conhecer derrotas do navio.

O Roumania só bateu nos caídos, pôs do Gronho foi quase imediatamente coberto pelas ondas.

A tripulação correu logo ao convés e chegou ainda à escadaria ao mar, mas tudo foi infrutífero por que num momento as aguas revoltas enguliram todos os escalares.

O sinistro deu-se pela uma hora da madrugada. Os passageiros acordados pelo choque violento que o navio tinha produzido no dar nos penedos acudiram ao convés, e de presumir as escenas delíricas que se passariam então sobre aquelle resto desconjuntado de navio vassourante onde uma comuna de pessoas se agitava numa agonía suprema pretendendo salvar-se.

A bordo iam 122 pessoas entre elles 22 mulheres e 10 crianças inglesas que regressavam suas residências na Índia. Salvaram-se apenas nove, alguns índios, o tenente Rock e o capitão Hamilton que conta não saber como se achou em terra porque tendo procurado salvar-se com sua mulher e uma filhinha que levava nos braços, perdeu os sentidos e quando voltou a si achou-se na praia soturna; sua mulher e a criança tinham desaparecido.

Os cadáveres

O mar tem virado a praia entre a Foz do Arco e Peniche algumas cadáveres de mulheres e crianças, uns nus, outros em camisa.

Num cadáver que se presume ser de pessoa fina, pelo cuidado das unhas, e pelos fragmentos do testuário, encontraram-se-lhe nos dedos 3 anéis de brilhantes, de valor.

Na praia de Peniche apareceram 4 cadáveres que foram reconhecidos pelos sobreviventes como sendo o do Rooper & Commercio de chá, de Bombaim, os de duas filhas do capitão Tower e o dum médico militar que vinha a bordo.

Na costa a 16 quilometros d'Obidos apareceram os cadáveres de mes. Kiely, esposa dum oficial inglês; miss Dundop, filha dum juiz, e da criada de lady Julianon, o do contra-mestre do vapor, o dum índio—fuscar—e o dum mulher de cor preta. Os primeiros 3 foram encerrados em caixões forrados de zinco e em caixões sem forro os restantes e todos conduzidos para o cemitério de Obidos.

O enterro

Eram 11 horas da noite quando chegaram a Obidos os 6 caixões transportados com dificuldade em carros de bois, sendo acompanhados pelo conegóio Pope, pertencente à igreja evangélica e que veio de Lisboa ali para fazer as recomendações fúnebres segundo a sua religião.

Esperavam o fúnebre cortejo, que aquella hora tinha um aspecto dignamente funerário e horrílico, as autoridades administrativas e eclesiásticas, a Irmandade do Santíssimo, homens com arcos e flechas e muito povo respeitoso e comovido.

A igreja mais próxima do cemitério achava-se competentemente preparada para receber um dos caixões que continha o cadáver de uma senhora que se sabia professar a religião católica apostólica romana e no cemitério havia uma cova para os restantes caixões.

A cerimónia terminou era quasi uma hora da noite, partindo em seguida o conegóio Pope para Peniche.

Um phonographo tirou na praia photographias de alguns cadáveres.

Os malfazentes

O mar tem dado à costa pedaços do navio afundado, fardos de sedas, sedas, machinhas de costura, e muitos outros objectos e genéricos que na sua maioria tem sido roubados apesar dos esforços da autoridade

e da força militar que ali se acha para combater a rapina.

E' contudo falso, segundo os informes da localidade, que se tenham rasgado as orelhas aos cadáveres para lhes arrancarem os brincos, como contaram alguns jornais da capital.

Os prejuízos

E' avaliada a perda total do navio e da carga em mil contos de réis, e isso já só a costa fiscada, e valores que se calculam em 1000 contos.

As acusações

São injustas as acusações feitas em vários jornais à autoridade de Obidos, pela demora do enterramento dos cadáveres, demora que foi motivada não por deslizamento, mas pelos motivos que n'outro logre d'este jornal se expõem.



Grande naufrágio—120 mortos

O paquete inglês *Roumania*, que faria viagem de Glasgow para Bombaim, naufragou pelas 11 horas da noite de quinta feira ultima, no local da costa denominada —Foz do Areiço, concelho das Caldas da Rainha.

Diz-nos o nosso informador que a noite estava tenebrosíssima: chuva torrencial e vento do Sudoeste de uma imprevisibilidade medonha; o mar cavado e de enorme vaga!

O navio, de grande tonelagem, trazia carregamento variado e conduzia a seu bordo cincuenta e cinco passageiros e setenta e quatro tripulantes, perdendo d'uns e d'outros cem e vinte, e salvando-se apenas dois passageiros e sete tripulantes!

Simplesmente horroroso!

Por parte da alfândega de Peniche, logo que ali houve conhecimento do sinistro, foram tomadas as medidas que em similares casos se costumam adoptar, sendo os sobreviventes recolhidos ao hospital d'aquella villa, onde se lhe estão dispensando todos os cuidados.

HORROROSO NAUFRÁGIO!

Corre boletim disse o que deu-se na costa para aí se na noite passada, próximo de Lisboa, um horrível naufrágio. O desastre mortal, que bateu sobre a cidade grossas praias de sangue, causando inundações e estragos, teve no mar muita maior violência, sendo compreendido de um vento rijo que bateu na costa com extraordinária força. O pequeto iatecromânia, da praça de Liverpool, que seguia para Bombaim, aproximando-se da terra por qualquer motivo por ora desconhecido, foi impelido com impetuosidade sobre a costa, e os poucos instantes de desespero, causando a morte à maioria dos passageiros e da tripulação, liga a bordo do Assomada 119 passageiros, das quais 50 eram passageiros. Foi um enorme horror e desastre, dos desgraçados que pereceram no naufrágio, só conseguiram salvar-se 1 passageiro e 1 tripulante.

O Socorro, ao suspeito de informar bem os seus horrores, aviso, segundo o costume, um seu redator em seu local de residência.

O acidente do mar impedia que fossem salvados, e só conseguiram socorrer. Montou de mar, portas, polos e botes e mola, partiu para o socorro de naufrágio a combusante Zambeze.

Uma das folhas da noite atribuiu a catástrofe a terremoto, as agulhas erradas e rumo, e, como veremos mais tarde, o terremoto é o que se encontra a praia, escalhando os mato, os rochedos, onde em breve tempo se desconjuntou.

Demais, em seguida os telegrammas fizeram esse inscrevível acontecimento.

"Peniche, 28 de 7 e 18 a.—Socorro, Lisboa.—

Alguém tem sido o exemplo de todos as conversações, é grande a consternação. Não se sabe ainda como se deu o naufrágio, mas parece mais certo que o pequeto Assomada descolou ante da praia de Belas, onde apareceram os restos de vapor. Disseram que trazia água aberta, mas todos os informadores carecem de veracidade. Os próprios naufragados salvos só sabem explicar como se deu o sinistro.

Visham efectivamente de Liverpool com destino a Bombaim. Da terra alguma via o vapor, percecionando ambos a noite, por causa do nevoeiro, se aproximaram da terra, abrindo-se com rapidez.

No hospital entraram 7 naufragos; uns 4 deles é o capitão Hamilton, outros o tenente Hobson, pertencentes ambos ao exercito inglês. O primeiro era casado, o segundo solteiro. Estavam grávidas hoja para Inglaterra e sua mila.

O sr. coronel Pimentel, governador da praça de Peniche, telegraphou ao general-comandante da divisa, pedindo auxiliação para os dois oficiais ingleses recolherem ao hospital militar. O ministro da guerra autorizou, mas os naufragados preferiram entrar para o hotel do Bombarde, agradecendo ambos o oferecimento. O capitão Hamilton teve uma ferida séria de ferro: deliberou pedir que o levasssem ao mar para salvar a esposa que vinha a bordo. Isto é melhor, mas continua pedindo que levem ao local do sinistro, e fim de ver se reconhece o cadáver da esposa. Supõem, pelos signos, que o cadáver foi parar à foz das Caldas, terra nova e formosa; plana nos dedos, com brilhantes. Na foz apareceram diferentes cadáveres, alguns de creanças a um dia de preia. Hoje, na foz, apareceram mais cadáveres, indo logo avistar para Obidos. É enorme a quantidade de corpos arrolados à praia pelo mar, os quais estão sendo removidos para Obidos e Peniche.

À meia-hora de manhã vêm a Belas, distante d'qui três leguas, ver os cadáveres que lá estão. A guarda fiscal e escadoreiros e canabocoreiros patrulham a beira-mar para recolherem os salvados. A hora a que chegou não permitiu mais investigações hoje. — *Avante Saldanha.*

Peniche, 28 às 11 e 26 m.—O naufrágio do pequeto Assomada deu-se às 11 horas da noite do dia 27, no sítio de Gronho, entre Peniche e a Foz de Arriba. Gronho é um logar deserto cheio de balizos e rochedos. À noite estava muito escuro e o mar de grande vaga. O Assomada foi completamente despedaçado.

A carga avariada e boa é lançada pelo mar na praia de Obidos até São Martinho.

Foram mandadas promptas providências de silêncio, mas como é tudo avariado desembarcam-se até chegarem à entrada das jangadas, onde foram encontrados o capitão Hamilton, das tropas da frota inglesa, e seis tripulantes da tripulação, todos vivos. Prórios e completamente extintos. Os feridos foram transportados para o hospital de Peniche, onde com muita carinho foram tratados pelo médico português, tendo algumas pessoas da terra querido ajudar o médico no tratamento.

Asssegura-se que o número dos naufragados salvos é de nove. Disse-se que estes salvos e que se esperam em Peniche, e também noutra e outro homem.

A catástrofe foi devida provavelmente à mudança de rumo e grande nevoeiro. Disse-se que o número dos mortos é de 111.

O capitão Hamilton e o tenente Hobson, e seis soldados foram salvos e o seu estado não é grave, dando entrada no hospital depois de terem permanecido 12 horas no mar e 4 em caminho para Gronho, que fica a duas leguas de distância de Peniche.

A catástrofe soube-se em Peniche sómente às 11 horas da manhã de ontem.

Não há mais nenhum naufrágio salvo.

A bordo do pequeto Assomada havia 35 mulheres e 19 crianças.

A população de Peniche está muito comovida.

Os officiaes portugueses da guarnição de Peniche rodeiam com os maiores cuidados os officiaes naufragados. Os sacerdotes leem a missa. — *Beira.*

JORNAL O SÉCULO

Domingo, 30 - 10 - 1892

Resumo:

- Saiu de Liverpool
- para Bombaim (Índia)
- levava 129 pessoas
- 55 passageiros
- salvados - 9
- não se sabe as causas do acidente
- ocorreu às 11^h da noite do dia 27

JORNAL
o Século

25. feira - 31-10-1892

HORROROSO NAUFRÁGIO!

Peniche, 30. As 8 e 15 h. — "Graça" Lisboa.
Navegava de manhã, saiu de porto para o local do naufrágio, que se encontra vizinho da praia. Não viu mais os tripulantes do navio, nem dos que saíram de Peniche e com destino de Salvador (Brasil) portugueses. Chamou-se Francisco Xavier Moreira, Agostar de ser português mal fala à sede da Ilha.

Comunicou recente à imprensa completa do horrível naufrágio.

O capitão do navio chama-se England; era um belo homem, tendo já naufragado há 25 anos, quando comandava o vapor "Anella". O navio saiu de Liverpool e seguia com destino a Bombaim. Foi atingido por um temporal próximo da nossa costa. Durante a noite houve grande tempestade. O capitão estava deitado quando, por causa do temporal e certo no ronco, foi parar a proa do Graciosa. Estavam todos encalados a bordo.

De súbito surgiu uma terrível paucada, seguida de mola dura, e o navio abriu desespero ao meio, afundando-se. Ao princípio chocou o capitão subiu, correu ao coxim, e vendo o navio perdido, afundado, subiu-se ao mar, morrendo afogado. A água invadiu rapidamente todos os compartimentos, surpreendendo os passageiros e tripulantes, que dormiam. Alguns acordaram agridos e correram ao convés em estado de náuseas, pedindo socorro e agarrando-se uns seguidos ao mar, esperando alcançar a terra, hasta costa é terrível. Mesmo com bons tempos a mar temia grossos rolos, impossível de verem.

O capitão Hamilton, a quem honram me referi, agarrou a espuma e levou-a para o coxim, mas recebeu uma forte paucada e desmaiou.

Os sete tripulantes salvos agarraram-se ao escalar o asta e vieram para terra, não se recordando de nenhuma hora. A gente salva parece louca, fala com dificuldade, parecendo ter tomado horro ao mar.

A população de Peniche foi generosa e humanitária. Toda a gente prestou socorros. O administrador Barruncho foi incansável com elles.

Depois de ter saído os naufragos, partiu para Graciosa, distante d'aquele vinte quilómetros, Fonesco, Barruncho, Norton, da Companhia de Seguros, delegado da alfândega de Lisboa, e o naufrago levantado Nogueira, que ia reconhecer os cadáveres e os resgatados, fazendo a viagem a cavalo, sempre sobre a areia. No fim de três horas e meia chegaram à Graciosa. Doloroso espetáculo.

O navio afundado está a 60 metros de terra. Adornado por bombardeio. Vê-se apenas um bocejo da proa e ouro da popa. O resto foi devorado pelas vagas. Em terra, ocupando uma extensão de quase de meia legua, recintos feitos de taipas, barricas, etc., que o mar para ali tem arrojado. Restos do navio aparecem completamente desfeitos. Calcula-se o valor da carga em 450 contos. É incrível a que se lhe passaram os roubos não tem conta. Em todas as terras dos arredores se vêem objectos roubados na praia. Barruncho, durante a viagem, apreendeu vários furios. O povo em massa rouba tudo. A tropa é pouca e sem força para vencer os gaúchos.

Vi hoje sete cadáveres, enterrados na areia, que não foram reconhecidos, menos um, da sr. Keyll, que foi reconhecida pelo tenente Rojas.

Era uma senhora muito bonita. Apareceu em completo estado de náuseas; devo-lhe cerca de 30 anos. Apresentava ferimentos em todo o corpo. Ao lado dela o cadáver de uma índia, também com ferimentos. Mais nenhum cadáver foi reconhecido. Mais longe apareceram os cadáveres de tres crianças, dois homens e duas mulheres, que já foram enterrados. É espantoso que o administrador de Olíbidos ainda não aparecesse na praia nem mandasse nenhuma autoridade levantar o auto.

Os cadáveres que estão na praia do Graciosa continuam incompletos por não terem aparecido as autoridades.

E' queima o relaxamento e bastante comodável. Suspeita-se que estejam enterrados na areia, na praia, sendo preciso mover esta para descobrirlos. E' triste todo este espetáculo, que impressiona quem o vê.

Os restos do navio são pouco a pouco desfeitos pelo embate do mar.

O navio pertencia à companhia Fischer Léris.

Ilhéu de manhã apareceu à tons d'água outros cadáveres, que o mar arrojou para longe. As faixas salvas tecem algas condenadas em barcos de balsa para a alfândega de Peniche; o resto vai ser vendido. Entre os despojos vêem-se muitos latões de cintas, algodão, pano, batatas, barricas de cerveja, etc. Dentro do navio afundado devo haver ainda muita carga, mas o mar não permite ir ali.

O governo inglês mandou dar sepultura aos cadáveres, deixando todas as despesas pratica, mas as autoridades de Olíbidos não apareceram.

— Cheguei hoje de Peniche cerca das 7 horas da noite, tenho visto 40 milhares de viagem sobre grada. — Augusto Siqueira.

RESUMO:

- muitos dos tripulantes eram Indianos
- o capitão do Barco chamava-se England
- causas: - temporal
 - grande terremoto
- navio afundado a 60 m de terra
- jardins de fazendas davam à costa
- valor da carga 450 contos
- muitos roubos
- Administrador da Peniche interessado
- despesa da parte do A. de órfides
- o navio era propriedade da companhia Fischer Léris.
- Jovem inglês mandou sepultar os cadáveres.

3 - fevra, 1/11/1892



HORROROSO NAUFRÁGIO!

Pesiche, 31, às 11 a.m.—Socorro, Lisboa.—Hoje é que o administrador de Obidos se resolveu a mandar fazer caixões para serem enterrados os cadáveres que estão na praia do Gronto. Os homens irão logo hoje à tarde. — *Ribeiro Silveira.*

Pesiche, 31, às 12 e 12 1/2.—Socorro, Lisboa.—O governador da praça, acompanhado por todos os oficiais, foi agora cumprimentar os naufragos Hamilton e Rock. Estes ficaram muito reconhecidos por tal delicatesse. — *Ribeiro Silveira.*

Obidos, 31, às 2 e 40 1/2.—Socorro, Lisboa.—Uma grande consternação n'esta vila por causa do naufrágio do vapor *Rommawia*.

Hoje foram fazer ações aos cadáveres. O governo ordenou que se fizessem enterros decentes. Considera que se mandaria fazer hoje caixões funerários, sendo fornecidos inteiramente do zinco e por obra de paupéria.

Chegou o padre inglês ao local do sinistro. O padre vem auxiliar nos enterros. Contra que os cadáveres brancos serão removidos para o cemitério inglês. Não considera serem sido arrojados mais cadáveres à praia.

Pesiche, 31, às 5 1/2.—Socorro, Lisboa.—Estão aparecendo cadáveres n'esta praia e volumes do vapor *Rommawia*. Barruncho requisitou urgentemente cavalaria para evitar os roubos. Caldas, 31, às 8 a.m.—Socorro, Lisboa.—O mar continua trezando para terra depois do Rommawia a carga. A todos os cadáveres que vieram dar à praia da Fuz, pertencentes a este coelhinho, as autoridades mandam logo sepultar no cemitério da Serra do Bouro. Os cadáveres que tem sido arrojados à praia do Gronto de Obidos estão há cinco dias insepultos. Hoje foram juntados com caixões de zinco para encerrar os cadáveres, mas as autoridades de Obidos não apreciam! É espantoso e condenável o desrespeito d'essas autoridades.

A represagem continua, apesar da vigilância dos guardas, 540 laca, ou ação de brutalidade, que as pessoas do bem estão indignadas. — *Zeste.*
Pesiche, 30 a.m.—O vapor *Rommawia* se bateu nos cascos de Gronto, foi imediatamente aberto pelas vassas. Os oficiais de bordo a a tripulação subiram logo ao convés, e saltaram os escorreges ao mar, mas estes encheram-se de água num instante, e homens e barcos foram arrastados pelo mar. Os passageiros, que estavam dormindo nos ares boliches, acordaram espavoridos com o violentíssimo choque, e tiveram de subir a procura de salvoamento, mas a bordo estabeleceu-se uma confusão enorme, causada principalmente pelos Indiana; conseguiram a final subir ao convés, mas foram também arrastados pelas ondas.

O capitão Hamilton procurou salvar-se com sua mulher e uma creche que levava nos braços, mas perdeu os semides, e quando tiveram a si encontrou-se na praia sózinho; sua mulher e a creche tinham desaparecido.

A bordo do Rommawia iam 17 mulheres e 10 crianças de famílias inglesas, que regressavam aos seus lares na Índia. O Rommawia, cujos mastros caiaram logo quebrados, ficou entalado nos rochedos a um quilometro da praia, mas quasi se não avista já, porque se vê abalando de momento a momento.

Dos naufragos sobreviventes o capitão Hamilton está enigma e muito abatido, o tenente Rock ferido e curso, e dois Indianos gravemente feridos e com muita febre. Um dos Indianos salvos é natural do Balaio, Índia portuguesa.

O mar trouxe à praia da Fuz de Caldas seis cadáveres: 3 mulheres, uma delas Índia, e 3 crianças, todas nuas, a exceção d'uma mulher que está em camisa e tem nos dedos dois anéis de brilhantes.

Pesiche, 31 m.—Chegou o reverendo Pope, capelão da igreja inglesa, que veio acompanhar e rezar os ofícios religiosos às vítimas, cujos cadáveres foram encontrados, e vão ser enterrados em Obidos.

O sr. Barruncho, administrador interino d'este concelho, tem sido d'um zelo e dedicação extremos, mantendo o prestígio da autoridade e demonstrando sentimentos humanitários. Imediatamente fazem-se aqui censuras a outras autoridades do concelho vizinho.

Os srs. oficiais do exército Alvarez Pereira e Forras foram honestamente cumprimentar o capitão Hamilton, que só para a outra semana, quando se achar mais forte, vai para Lisboa.

Relatório

- enterro de cadáveres
- chegada de padre Inglês
- cemitério da Serra do Bouro
- homem entalado nos recifes a 1 Km de praia

JORNAL

O SÉCULO

4^o feira, 2/11/1892**HORROROSO NAUFRÁGIO!**

O sr. ministro do reino ordenou ao sr. governador civil de Leiria que fosse levantar imediatamente a cerca das ocorrências relativas ao naufrágio do *Rommel*.

As que parecem, também pensa em substituir os administradores de condado que tcham procedido muito irregularmente.

Lisboa, 2-11-92—Sexta, Lisboa.—No dia Arcebispo seguiu em direção a Peniche alguns estrangeiros a fim de reconhecerem as victimas do naufrágio.

Enterrado dia 1º e 2 de novembro.

Lisboa, 1, às 11 e 30 h.—Acabou de realizar-se o enterro, imponente, macabro, de hoop, negociando de chão em Bombaim, das duas grutas do aeroporto masculino, sendo uma de 1 a 8 anos e outra de 4 e 5 anos, filhas da Katy Bois Now, victimas do naufrágio do pequeno *Aurora*.

Os caixões são cobertos com a bandeira portuguesa e ladeados pelo conselheiro inglês e seu chanceller, pelo capitão tenente Brito Soares, Macarenhas, agente da Companhia em Lisboa, Norton, da casa Knobell & C., e outros membros da colónia. Indica que aqui vieram, administrador do concelho e secretário, Antunes, encarregado de fazenda, oficiais da guarnição de Peniche, Sousa, director da alfândega de Peniche, Almeida, aspirante da alfândega de Lisboa, praças da guarda fiscal, cavaleiros da milícia sociedade de Peniche, Philarmónica Peniche, tocando uma marcha fúnebre, e mais de 500 pessoas do povo, em quem se viai indignidade verdadeiro sentimento.

Os officiais ingleses salvo acompanharam o enterro, muita commoção. O bispo da catedral de Gibraltar retomou os officios fúnebres. Têm sido um dia de luto para Peniche.

Peniche, 1, às 11 e 20 h.—Sabe-se de fonte autorizada que um oficial de marinha, tendo previamente ouvido as declarações dos tripulantes do *Rommel*, averiguou que o naufrágio foi devido a que durante os quatro dias anteriores não permitiu o estudo da atmosfera as observações astronómicas por ondó se obviamente o perigo rigoroso, salientando-se a variação súbita pela estima. O erro da posição, ainda aumentado com o sutilimento proveniente da vaga grossa de travessia, foram a causa única do naufrágio.

Obidos, 1, às 11 e 30 h.—Acabam agora mesmo de clicar os cadáveres condensados em carros de botas, e sepultados no cemitério desta villa.

Arcebispo.—Nas missas, sendo católicas romanas, recitam no lugar católico do cemitério. Assistiram aos respostas de sepultura o padre inglês Pope e outros padres. Muita gente, proximau do cemitério, debulhada em lágrimas.

Constataram sido arrojadas à praia outras caíveras, e a pouca distância da praia vêem-se

outros cadáveres da mulheres presos nos rochedos.

Têm sido arrojadas à praia muitas maderas.

Para guardar os objectos arrojados para terra,

RESUMO:

- familiares, nem reconhecer cada vez

- ENTERROS EM PENICHE

(ver cemitério de Peniche
Campos N° 2 e N° 3)

JORNAL
O SÉCULO

6^o feira, 4-11-1892

HORROROSO NAUFRÁGIO!

Conseguimos obter uma lista dos passageiros que seguiam a bordo do vapor *Rosamond*, os quais eram em número de 46, sendo um da Escócia, o sr. Nichol, e os restantes de Liverpool e Londres. Os passageiros eram: capitão J. E. Barry e sua esposa, mrs. Barry, mrs. Beatty, mrs. Edith B. Boutflower, mrs. Catherine Boutflower, duas crianças, uma sra., mrs. Burbridge, mrs. Burgess, uma filha e sra., mrs. Dunlop, mrs. Malcolm Fleming, capitão George Hamilton e sua esposa, mrs. Hamilton, mrs. A. E. Head, mrs. J. G. Weston, mrs. J. H. Holroyd, mrs. Horsford, lady Johnson, uma filha e ama, mrs. Kelly, mrs. Kiermander, mrs. do Lango, mrs. E. A. Lee, mrs. F. Littlewood, rev. J. H. Martin, mrs. McGeorge, mrs. Gertrude Murray, mrs. S. Nichol, mrs. Pisan, mrs. W. C. Pollard, duas sras. e srs., capitão E. H. Randolph e fere, Randolph, tenente B. P. S. Brooke, mrs. A. H. Hooper, tenente C. D. Sandford e mrs. Sandford, tenente E. W. Thompson e mrs. Thompson. Dos 46 passageiros, 26 eram mulheres, 13 homens e 7 crianças.

A tripulação era assim composta: W. S. Young, capitão; A. W. Louat, imediato; John Stuart, segundo oficial; J. Macmillan, terceiro oficial; James Macrossie, engenheiro chefe; dr. Gladys, médico; John Ross, chefe dos cozinheiros; mrs. Bald, chefe das cozinhas; W. Mono, carpinteiro; J. Kyerian, Edward Murphy, James Watson e Angus Kennedy, oficiais de quarto; J. Russell, segundo engenheiro; Ernest Brown, terceiro engenheiro; Harry McKay, quarto engenheiro. O resto da tripulação era composta de 22 indíos e vários cozinheiros ingleses. A bordo havia ainda os praticantes T. Bowman e J. Hughes.

O piloto de bordo ficou em Point Lynas. O *Rosamond* devia tomar novo piloto em Lisboa.

O *Rosamond* era um navio de 3.771 toneladas, tido construído em Glasgow em 1890, por D. & W. Henderson. Media 36 pés por 34 e 1/2 de eslado. A máquina era da força de 400 cavalos.

No sábado 27 de outubro, saiu de Mersey, muito bem.

Não contando os cozinheiros ingleses, cujo número se ignora ainda, temos que a bordo viajam 46 passageiros, 18 oficiais, e 22 indíos tripulantes. Total 86 indivíduos. Destes salvaram-se apenas nove, e portanto o número de vítimas já conhecido é de 77, que com os cozinheiros deve elevar-se aproximadamente a 100.

O mês Francisco Moreno, que está no hospital de Peniche, era cozinheiro de noite.

Peniche, 3, às 4 e 20 L—Sexta, Lisboa.—O administrador Barreto recebeu um ofício muito honrado do consul inglês, testemunhando a sua gratidão, e em nome do capitão Hamilton e tenente Brooke e da toda a colônia inglesa em Peniche pelo interesse, consideração e dedicação que tem mostrado no lamentável naufrágio do *Rosamond*. Foi o consul no mesmo ofício para que o administrador seja interpretado para com o governador militar, oficiais, empregados e povo de Peniche das suas agradecimentos.

O administrador mandou já um relatório circunstanciado para o governo.

REUNIÃO:

- N.º de Passageiros 46

- Baixo de 3387 toneladas
construído em Glasgow 1880
medida 36 pés



JORNAL
O SÉCULO

6.ª Feira 5/11/1892

- VER "cenitório da Serra - do Bouro

Camp. N° 5".

HORROROSO NAUFRAGIO!

O naufrágio do Resende produziu horrível impressão em Inglaterra.

Em Plymouth é muito sentida a morte de Mestre Burgess, com das passageiras do vapor, que com um filhote e a sua ama foi vítima do naufrágio.

Mestre Burgess era esposo dum distinto missionário anglicano em Bombaim e dali viu a Europa do Resende, regressando no mesmo paquete.

Caldas 4, às 5 e 40 L - Secula, Lisboa. — O mar continuou arrojando à praia de Foz a carga do Resende, porto de prisão de Foz estão os cadáveres dos naufragos entulhados uns sobre os outros, sem que se possam tirar, porque o mar não o permite, tontos enterraram-se mais uns cadáveres no cemitério da Serra do Bouro e apareceram a todos d'águas outros cadáveres já espalhados. É espantosa a concorrência do povo que todos os dias concorre à Foz, uns avidos d'aparecerem salvados outros para verem os efeitos do naufrágio. — Zente.

JORNAL

O SÍCULO



Sext 6 - 1892

HORROROSO NAUFRÁGIO!

Confidamos muito francamente que as autoridades de Óbidos tinham sido de um desmazelo revolto, deixando ao abandono os naufragos, os cadáveres e a carga do *Roumanie*, naufragado na praia do Granho. De que diafemos, apresentamos não só o nosso testemunho pessoal, mas ainda o de toda a gente que foi ao Granho, incluindo os próprios funcionários aduaneiros e a força de caçadores à qual ali calava.

Pois o *Tempo*, para defender o sr. administrador d'Óbidos, não vacilou em dizer que tinham falso a verdade os jornais que apenas expuseram o que se tinha passado.

Assim, diz que o administrador d'Óbidos, assim que teve notícia do sinistro, que não lhe chegou tão rapidamente como seria para desferir imediatamente para o local da catástrofe, partiu imediatamente para o local da catástrofe.

Ora a verdade é que a notícia chegou a Óbidos na manhã seguinte à noite em que se deu o naufrágio, e que de Óbidos foi logo enviada para Lisboa. O administrador d'Óbidos não podia ignorar o que ali era de toda a gente sabido. Mas demora de barato que assim foi.

No sábado, um colega nosso que chega em Óbidos só falou com o sargento Bastos de guarda fiscal, que lhe participou às autoridades o aparecimento de cadáveres, participação oficial, porque a notícia também já era bem conhecida.

No domingo entremos na praia do Granho, e ali não tinha ainda aparecido uma unica autoridade civil para levantar a competência auto. Na segunda-feira sucedeu o mesmo e só na terça-feira é que o sr. administrador d'Óbidos se resolveu a cumprir o seu dever:

Pois a distância de Óbidos ao Granho vence-se bem em duas horas, a cavalo!

O sr. administrador é que não quis incomodar-se, e só se resolveu a compreender o seu dever quando a imprensa reclamou energicas provisões.

Se o *Tempo*, na sua contestação, se baseou em informações oficiais, fique sabendo que essas informações são falsas.

Um Peleche esteve um delegado de confiança do governo, o sr. Barrancho, o tanto este cavaleiro como toda a gente em Peniche pelo dizer ao *Tempo* como era geral a indignação pelo procedimento das autoridades de Óbidos.

Se insistimos n'este assunto é porque, tendo nós feito uma afirmação, baseada nas verdades que viver e observar, não estamos resolvidos a passar por mentirosos somente porque o *Tempo* apressou defender o sr. administrador d'Óbidos.

Com relação a rapinagem, que o *Tempo* não pode negar, diz aquelle jurnal que os ladrões só roubaram o que se achava perto do local do sinistro por causa de amas feiras.

Também não é verdade, infelizmente. Antes o falso.

Ao sr. Peleche Barrancho, administrador interino de Peniche, que foi necessario em prestar socorro a muitos dos naufragados, dirigiu o sr. Cooper, consul de Inglaterra em Lisboa, a seguinte carta, realmente bem justa:

*"Illustrissimo, Excelentissimo Senhor. — Antes de partir para Lisboa não posso deixar de vir por esta forma testemunhar a vossa excellencia a gratidão e respeito que n'este momento não só eu, capitão Hamilton e tenente Cooke, mas também todos os cavalheiros da colónia inglesa que se acham em Peniche, sentimos, pelo cuidado e zelo que vossa excellencia tem mostrado no desempenho do seu alto cargo, desde que se deu o lamentável naufrágio do vapor inglês *Roumanie*, e em particular o carinho mostrado ante deis altíssimas menhuanas officiaias do exercito Ingles. Quisossem cumprimento agradecer periferidissimo a vossa excellencia pela maneira respeitosa como mandou proceder ao enterroamento dos fallecidos tres naufragos no dia 1 do corrente, o peço a vossa excellencia a licença de ser interpretado para com os nobres habitantes de Peniche, pela celeridade e sincera manifestação na mesma occasião, assim como aos brionenses officiaias d'esta guarnição, que também honraram com a sua presença cada acto.*

"Rápido, que jamais olvidaremos tantas provas de amizade e hospitalidade de que temos sido alvo em Peniche, com especialidade das autoridades civis e militares. Quisera vossa excellencia receber os meus mais sinceros respeitos, e creio-me de vossa excellencia muito silencio venerador, reconhecido amigo e creado. — Francis H. Cooper. Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Pedro Lourenço Barrancho, Digníssimo Administrador de Peniche."

Mais visitante

Caldas, 5. de 8 a 42 L — Neuvi. Lisboa. — Hontem, na Praia, o mar arrastou quatro homens na occasião em que tentavam apurar fundos da fachada do *Roumanie*. Os edifícios ainda não foram arremessados para a praia, o mar tem estado muito bravo, grande quantidade de barcos e lardos que estavam na praia, foram levados pelo mar, que agora os está arrastando novamente para a praia. O povo continua em grande massa a affluir ao local do naufrágio, os guardas fiscais são poucos, por isso vê-se continuamente gente levando fachadas da carga do *Roumanie*. — Zante.

- Política

- Esta altura, o país estava em eleições. Pensou que foi uma boa oportunidade de tentar desprestigiar o governador de Óbidos.

JORNAL

O Século



Sábado, 7-11-1892

HORROROSO NAUFRÁGIO!

Nome: enterro

Como se sabe, continua sendo um mistério a forma como se deu o naufrágio do *Roraima*, pois é incomprehensível que aquelle vapor se tivesse aproximado tanto da terra, sem que de bordo se tivesse observado o eminente risco que corriam as vidas de todos aqueles que lhe estiveram.

No dia disso se disse, a todos os jornais e notícias, que, por causa da corrupção, o comandante não pôde tomar o ponto durante quatro dias. Nenhum exívus conversando com um suboficial oficial da marinha, que nos observou:

—O naufrágio do *Roraima* é inexplicável, ou apenas podria explicar-se com a perturbação das faculdades mentais do capitão, pois nem mesmo a tentativa de que muitas vezes os marinheiros ingleses dão provas, temeridade brutal, seria explicação suficiente para o que sucedeu. A distância que estavam da terra devia estar bem além vista do bordo, e se não o foi, mussé, ainda é o erro do comandante, porque não devia navegar tanto a menos de meia força e fazendo constantes sotângons.

Mas não sucede assim. O comandante que estava dirigindo a manobra, quando ele próprio, pelo que se diz, ignorava o ponto onde se encontrava, isto de noite, e, principalmente, em noite de temporal violento.

—E a corrupção pode ser invocada como alibiamento do sinistro?

—Não, em absoluto. Os erros de ponto deviam ser corrígidos com a aproximação da costa. Além de que pouco distam do local do afundamento os faróis do Cabo Carvoeiro e das Berlengas. Quem saber! Tinha conhecido muitos marinheiros ingleses que leem a marinha do atravessar o canal formado pelas Berlengas e o Cabo Carvoeiro, o que é quasi sempre uma temeridade e chega a ser um crime quando ha temporal, porque o perigo é gravíssimo. É dever de qualquer comandante que saiba do seu ofício passar ao largo, afastando-se das Berlengas. Ainda mais. É evidente que houve grande desculpa a bordo, pois que nem sequer os passageiros e tripulantes receberam aviso para se acudirem, e que seria apenas uma boa medida de prevenção dada aos passageiros, para que se munissem de bolas de salvamento.

—Isto sórta que a sua opinião...

—O que parece evidente é que o comandante não estava em boas disposições cerebeiras, ilha, o naufrágio não se teria dado.

Pedro, 5, às 3 e 50 U.—Regressaram hoje de uma viagem, no leste da costa até ao extremo, onde, apesar de muito perigoso, se pôde ir juntar ao mar, e os comitentes onde estão os corpos das pobres vítimas, o capitão da artilharia Cervantina, com alguma inglesa, que andaram conhecendo rotas, memórias, recordações de tudo para lembrar as famílias das vítimas inglesas, e o capitão Hamilton, faz-se que foi uma travessia muito penosa, tendo muito levado esta solidão do capitão Cervantina, que é filho de Peniche e uma das suas glórias.

Golfo, 6, à 11 U.—Foram arrolados hoje a praia mais doce cadáveres. Um de um índio a outro de um branco. Apareceram em completo estado de putrefação, sendo impossível reconhecê-los.

Continua a ser arrolada a praia a cargo do vapor.

O tempo está chuvoso.

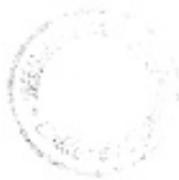
Causas

- indefinições?
- deriva mental do capitão?

JORNAL

"O CORREIO DA NOITE"

Ano V, 29-10-1892



Liverpool → Índia

NAUFRAGIO**93 afogados**

Confirma-se infelizmente a notícia que hontem dímano de ter havido um naufrágio na costa da Peniche. Até à hora em que escrevemos só puderam ser confirmados 93 afogados. Sabese já o nome do vapor. Era o *Roumania*, de propriedade de Liverpool, que é uma da madrugada de ontem, naufragou proximo da Praia de Areias, a duas leguas de Peniche. Seguiu com destino a Bombaim. A tripulação compunha-se de 67 homens e conduzia, além de um grande carregamento, 55 passageiros. Salvarram-se apenas 9 pessoas, morrendo o capitão e o piloto.

São estas as notícias que temos de naufrágio e que infelizmente estão em harmonia com os telegrammas que hoje recebemos da Agência Havas.

Na praia da foz das Caldas é ~~que~~ tem arrojado para terra sete cadáveres, muitos fardos de fazenda, caixotes e outros despojos. Os cadáveres recorrem uns em completo estado de nudez, outros em roupas brancas. Como sempre sucede, tecem sobre enormes os cascos de repingarem na praia. José Thomas da Serra, José Antunes, da Fox, e outro homem das Gáveas foram levados pelas ondas quando estavam a apurar um volume que andavam à tona d'água.

O estado do mar impedia a camionaria Zaire de seguir para Peniche.

Hoje de madrugada partiu para ali a camionaria Zambeze.

Os naufragos salvos estão no hospital de Peniche.

Segundo notícias oficiais, do vapor *Roumania* salvaram-se apenas dois passageiros e cinco tripulantes. Esses passageiros salvos são o capitão Hamilton e o tenente Rok, do exército da Índia Inglesa. O capitão recolheu ao hospital militar de Peniche. O navio procedia de Liverpool, com destino à Índia.

3^o feira, 1/3/1892

Naufragios

O ROMAIC

Forda hontem dalgas, & sepultura os cadáveres dos naufragos do paquete *Romanic*, que apareceram na praia da Graciosa. De manhã fizeram a autópsia. Têm dado à costa outros cadáveres, de tripulantes do navio e passageiros, tolumes de carga e vários despojos de náufragos. Para evitar roubos foi requisitada uma força de cavalaria.

São tristíssimos os commentários os permanentes que ponho a ponto se não conhecendo. O vapor *Romanic*, no bater nos espehos, foi repentinamente coberto pelas ondas. Os officiais e a tripulação correram os corredores e deixaram a casela no mar, mas num momento as janelas embrulhadas ficaram também cobertas de água, e a violência do mar depressa foi compreender homens e escadarias. Acalinou a angústia dos passageiros, acordados nos beliches pelo tremor de choque, e a confusão desencadeou que se estabeleceu a barba, procurando todos salvar-se. O capitão *Hannibal* quis salvar a esposa e uma escravinha que levava nos braços, mas perdeu os vestidos e quando voltou a si estava afundado na praia. Mulher e criança haviam desaparecido.

Dos naufragos sobreviventes, o capitão *Hannibal* está ferido e aliviadíssimo, o tenente *He* é muito ferido e cego, dois indianos gravemente feridos.

O mar arrojou à praia da Fox das Cadelas 6 sobreviventes, 3 mulheres e 3 crianças. Estavam todas nusas à exceção de uma mulher que estava em camisa e tinha duas annéis de brilhantes.

PENICHE, 31, às 5 h.—Foi apparecendo cadáveres nessa praia a columna do vapor *Romanic*. Baruncho administrador, requisitou urgentemente cavalaria para evitá-las roubos.

OBIDOS, 31, às 9 h.—Grande consternação n'esta villa pelo naufrágio do vapor *Romanic*. Hoje fizeram autópsia aos cadáveres. O governo ordenou enterramento destes. Conta que se mandaram hoje fazer caixões funerários, sendo fornecidos de zinco e por fogo da paninhos. Chegou um padre inglês ao local do sinistro para assistir aos enteramentos. Corre que os cadáveres brancos serão removidos para o cemiterio inglês. Não caixas seriam arranjadas mais cadáveres.

PENICHE, 31, noite.—Appareceu hoje um cadáver que foi logo transportado para o hospital da Peniche. Ainda não foi visto pelos officiais sobreviventes, mas diz um dos índios da tripulação do paquete *Romanic* que era um médico militar que vinha a bordo. O enterro realizou-se amanhã. Festejo hoje a autópsia dos cadáveres que foi ordenado pelo governo. Os enterros realizaram-se decentemente. Fizeram-se hoje seis caixões fornecidos de zinco e por fogo paninhos. Assistiu ao enterro o padre Pupa. Corre que os cadáveres dos bravos serão removidos para o cemitério inglês. Não tem arranjado mais cadáveres, apenas algumas fazendas, marchinhas de costura e animais lanígeros.

JORNAL
O CORREIO DA NOITE



4-Frina, 2[11]1892

Naufrágio

— O Roumano

Poucas notícias há hoje relativas ao trágico naufrágio do *Roumano*. O mar continua arrastando à costa do Grão Canávera os corpos dos naufragados. Muitos desses desgraçados vêm aparecendo muír. Têm sido surpreendidos durante o dia.

O *Roumano*, vapor da força de 480 cavalos e de 2207 toneladas de registo, pertence à praça de Glasgow. Seguiu da Liverpool para Bombaim. O carregamento, vasto, era importantíssimo e de grande valor.

Nos dois primeiros dias que se seguiram ao naufrágio, houve roubos grandes de despojos do navio, mas as forças militares pôraram termo a essa rapina em descarada.

Os cadáveres são enterrados à proporção que são dados à costa. A conservação é gerida por todos os meios das imedições.

PENICHE, 1, às 11 e 20, noite.—Sobraram de forte autoridade que um oficial de marinha, tendo previamente enviado as declarações dos tripulantes do *Roumano*, averiguou que o naufrágio foi devido a que durante os quatro dias anteriores não permitiu o estado da atmosfera as observações astronómicas por causa de obstruções no ponto rigoroso, sabendo-se a navegação sólamente pela estima. O erro é a pura, sólida negligência eva, o cuidado preveniente da vaga grossa da travessia, tornou a causa única do naufrágio.

OLHOS, 1, às 11 e 20, noite.—Acolham agora mesmo de chegar os caixões condensados em caixas de baix e espalhados no cemitério d'essa villa. As sepulturas são o lamento sombrio católico romano. Deixam no local entulhos d'um confisco. Manifestaram respostas de angústia o padre inglês Popa e outros padres. Muita gente presta de esmalaria debulhada em lagrimas. Constituiu-se arcebispado a presidente entre os caixões e o povo. Multidão de praia, vedetas e baleeiros de milhares, peões nos regalia. Tudo arranjado à presidenteza moderna. Para guardar os objectos arranjados perante baixa muralha.

PENICHE, 1, às 5 e 20 da tarde.—Assaba de realizar-se o enterro imponente dos cadáveres de Remper, negociante de chás Tom Bombaim e a duas crianças da mesma masculina sendo uma de 7-8 anos e outra de 4-5 anos filhas do Navy Boni Flory, vítima da naufrágio do paquete *Roumano*. Os caixões são elaborados com a bandeira portuguesa e bordados pel consul inglês e seu chanceler, 5ºº capitão tenente José Soares, Macarenhas, agente da Companhia da Lisboa, Micti, da casa E. Cunha & C.º, e outros membros da colónia inglesa que aqui vivem. Administrador do concelho e vereadores, Muitos dirigentes da fábrica, oficiais da guarnição de Peniche, Sócio diretor da oficina de Peniche, Almeida, segurante da alfândega de Lisboa, praças da guarda fiscal, cavaleiros da melhor sociedade de Peniche, filarmónica Penicheira tocando marcha funebre, e mais de 500 pessoas do povo.

Os officiais ingleses salvo acompanhavam a cerimónia muito consternados. Depois da igreja de Gilbraltar, rumo as officinas funerárias. Tem andado um dia de luto para Peniche.

PENICHE, 2, 4 da.—Chegou o governador civil de Leiria a porto logo para o local do sinistro. Províncias brigadas.

(Do meu correspondente).

JORNAL "O CALDEIRÃO"
PARTIDO PROGRESSISTA

55



Salvados

O mar continua a arrojar salvados pertencentes à carga do *Roumania*.

A rapinagem tem diminuído mas para tudo ser ao *complet*—mais de 80 ciganos invadiram um d'estes dias a Foz do Arelho em busca de quinhões em tão boa preza.

Esteve nas Caldas o sr. Danwers, correspondente de vários jornais ingleses, a colher apontamentos do naufrágio.

Visitou os cemitérios d'Obidos e Serra do Bouro bem como a praia da Foz.

Bom se pode verificar, apesar de ser um dos jornais mais próximos do naufrágio, foi o que menos noticiou.

Boô consegui perceber a razão.

Talvez as eleições que se avizinhavam?

MUSEU DE PENICHE
HAUFRÁGIOS



| | | | |
|---------------|-------------------|---------------|-------------------------------|
| DATA | 28 | 15 | 892 |
| NOME | ROUMANIA | LAT | 39° 24' 7" |
| NACIONALIDADE | INGLÊS | LONG | W 09° 15' 8" |
| ARMADOR | JAPON - CARREGADA | AFUNDAMENTO | ENCALHADO - DESERTO (Ecuador) |
| COMPRIMENTO | BOCA | PROFOUNDIDADE | FOTOGRÁFICA N.º |
| 4000 | | 5 a 8 metros | |
| TAB | | N.º MORTOS | N.º SALVADOS |
| | | 113 | 9 |

CAUSAS
SERRANIA, DESCO DO RUMO

TIPO CARGA
Transporte variável magnum (caminho de ferro) metade
lignada.

HISTÓRICO

Segundo os LUNDES - Austrália
Existe forte vento e ondas
Havia hora da manhã com 20 mts por 1 mts.
Foram tomados ventos de 100 km/h e 20 mts.
Crianças na baía. Mar tempestuoso
+ Segundo fonte de 1954 novembro + de 20 pessoas
desapareceram
- Criação iniciada 1957 no Porto Fértil
- Foi explorado durante 2 anos de 1953 a 1957 pela firma
Antônio G. Barreto da Cruz

Capitania de Reinente

082.

Memórias do Almirâgio

28/10/1892

Roumania

Na porção sul com uma extensão de 3800 m³ área abrangendo a baía da madrugada na praia do Grunho centro a Balnear e a de foz do Sulmo) provocado pelo desvio da curva desviando o fluxo da maré ponto de referência das palavras convencionais à esquerda é a ponta da ilha que divide a grande enseada com a praia de Cernavoda, com um largo fundo com bancadas de arenito e arenito vermelho bem embatido com bancadas de arenito e arenito vermelho que se desenvolvem ao longo da costa de Sulmo.

Fim
do Capítulo
do Rio da
Capitania de Peniche.